A IDEOLOGIA INTEGRALISTA DE PLÍNIO SALGADO EM *O DONO DO MUNDO*[1]

Leandro Pereira Gonçalves*

RESUMO: Este trabalho pretende analisar o romance *O dono do mundo* de Plínio Salgado como testemunho de uma determinada classe social, seguindo o referencial teórico proposto por Lucien Goldmann. Nessa obra, pode ser encontrada uma fonte historiográfica reveladora para a compreensão da ideologia presente na Ação Integralista Brasileira. A partir daí, foi possível observar um discurso conservador e autoritário para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Utilizou-se o estruturalismo genético goldmanniano a fim de se verificar a existência de artifícios e formas que possam comprovar se as obras literárias de Plínio Salgado são consideradas romances e, portanto, expressão burguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Estruturalismo genético, Integralismo.

ABSTRACT: This essay intends to analyze the novel *O dono do mundo* of Plínio Salgado as a testimony of a specific social class, following the theoretical reference proposed by Lucien Goldmann. In this work, there can be found a revealing historiographical source for understanding the ideology present in the Brazilian Integralist Action. From then on, it has been possible to observe a conservative and authoritarian speech to the development of the Brazilian society. The genetic structuralism of Goldmann was used to verify the existence of artifices and ways that may prove whether the literary works of Plínio Salgado are considered novels, and therefore are expressions of bourgeoisie.

KEYWORDS: Literature, Genetic Structuralism, Integralism.

* Professor assistente do Departamento de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Mestre em Letras: Literatura brasileira (CES/JF); e-mail: leandropgoncalves@gmail.com

[1] Este artigo é uma versão ligeiramente modificada do Capítulo III da dissertação apresentado pelo autor, intitulada *Literatura e Autoritarismo:* o pensamento político nos romances de Plínio Salgado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, área de concentração: Literatura Brasileira. Orientador: Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles.

A formação do movimento integralista brasileiro deu-se no início da década de 1930, sob a liderança do escritor e jornalista Plínio Salgado. Em outubro de 1932, o escritor divulgou o *Manifesto de Outubro* propondo a formação de um grande movimento nacional.

O movimento registrou-se sob a denominação de Ação Integralista Brasileira (AIB). Sua organização, influenciada pelos movimentos fascistas europeus, priorizava a arregimentação de militantes e seu enquadramento em uma estrutura hierárquica. A partir de então, logrou intenso e rápido crescimento, ascendente até a decretação do Estado Novo, em novembro de 1937.

O Integralismo atacava o liberalismo, os partidos políticos e o parlamento, considerando a democracia liberal como destruidora da alma nacional e responsável pela disseminação do comunismo, inimigo maior a ser combatido. Apresentando-se como um movimento de despertar da Nação, o Integralismo canalizava para a ação política, as angústias e temores dos setores médios, constituindo-se como instrumento de sua incorporação ao processo político. O perigo comunista da revolução soviética e as mobilizações do proletariado acentuaram o temor de proletarização dos setores médios, universo em que o Integralismo recrutava a maior parte de seus militantes.

O líder integralista Plínio Salgado nasceu na cidade de São Bento do Sapucaí, em São Paulo, em 1895. Sempre teve uma grande participação política e tornou-se um jornalista conhecido a partir de 1919 na capital paulistana. Participou das agitações modernistas, tornando-se um romancista respeitado após a publicação de uma trilogia romanesca denominada "Crônicas da Vida Brasileira", composta pelas obras: *O estrangeiro*, de 1926; *O esperado*, de 1931, e *O cavaleiro de Itararé*, de 1933. Plínio Salgado escreveu mais três romances: *A voz do oeste*, em 1934; *Trepandé* – redigido entre 1938 e 1939, mas publicado apenas em 1972 – e *O dono do mundo*, escrito no fim de sua vida, aproximadamente entre o período de 1974 e 1975. Esse último romance não foi finalizado em decorrência de sua morte, sendo publicado apenas no ano de 1999.

Na Semana de Arte Moderna de 1922, Plínio Salgado liderou um dos grupos formados a partir do movimento, o grupo Anta, no qual as posturas e idéias ultranacionalistas eram levadas ao extremo. Esse foi a base para a fundação do Integralismo, que tem como principais características os mesmos dogmas do fascismo: a aversão ao estrangeiro e à diferença; a disciplina irracional; a obediência cega e incontinente a uma ordem opres-

sora; o cerceamento da liberdade de expressão; o favorecimento das classes dominantes; as paradas militares; e, por fim, mas não menos importante, uma ideologia nacionalista do "tudo pelo Brasil".

A aproximação entre o campo literário e o histórico é algo que ocorre com freqüência, atualmente, no meio acadêmico, como conseqüência da renovação francesa da historiografia, com os *Analles*, nos anos 1920. Segundo a nova corrente historiográfica, tudo que se passou é objeto de interesse da história e é com ela que pode ser percebida a totalidade histórica.

Assim, dentro dessa visão, analisar romances é pertinente. Contudo, no escopo teórico deste trabalho, as razões da inclusão de fontes não ordinariamente examinadas pelo crivo dos historiadores – no caso específico, de textos literários e, mais especificamente ainda, de romances – se estendem a outros fatores.

O referencial teórico que orienta este trabalho segue a análise de Lucien Goldmann (1990), que coloca o romance como gênero literário criado pela sociedade burguesa, como reprodução literária homóloga do processo de estruturação social.

Ao verificar os romances de Plínio Salgado, esta pesquisa pretende transformar essas obras em fonte historiográfica, não enquanto um *doublé* das fontes tradicionais (documentos oficiais), muito menos enquanto descrição de sistemas sociais, mas como testemunhos de uma determinada classe social (burguesia, ou pequena burguesia, no caso), mirando uma formação social específica (a brasileira, da primeira metade do século XX). Nessa análise poderão ser recuperadas dimensões ideológicas (conotativas) expressas pelo autor por meio da ficção.

Nas últimas três décadas, Plínio Salgado e sua ideologia integralista foram objetos de muitos estudos. No entanto, como literato, o autor foi pouco abordado, embora sua importância seja incontestável não só para a literatura como também para o pensamento humano, pois Plínio Salgado tem a preocupação de colocar, nos romances, seus objetivos políticos, suas intenções doutrinárias, além de seu pensamento sobre a sociedade brasileira.

Em suas obras, verifica-se uma grande riqueza ideológica – inclusive no que diz respeito à formação social burguesa – e, com ela, é possível realizar uma profunda abordagem literária, histórica e sociológica de Plínio Salgado, analisando sua presença no mundo burguês.

Como foi proposto por Lucien Goldmann (1990), o romance é, ideologicamente, o gênero literário burguês e, portanto, expressão estética do Estado burguês, é um estudo das relações entre os personagens problemá-

ticos e os contextos sociais opressivos. Tais relações passam para o leitor um contexto de tentativa de realização de valores autênticos num mundo hostil aos valores. Daí a busca degradada de valores por parte de personagens desadaptados – uma busca condenada ao fracasso e que assinala o caráter problemático do romance.

Esta pesquisa é a verificação sistemática desta afirmação, por meio de uma análise literária e, ao mesmo tempo, sociológico-histórica dos romances de Plínio Salgado.

A criação literária constitui um campo privilegiado de aplicação do estruturalismo genético. Lucien Goldmann parte do princípio de construção das estruturas cognitivas para aplicá-lo às relações entre o autor e o grupo social. O autor passa a interagir com esse grupo, procurando responder às suas expectativas. A criação cultural artística surge como uma resposta significativa e articulada, como expressão das possibilidades objetivas presentes no grupo social.

Observa-se nas obras literárias de Plínio Salgado uma crítica a todo o sistema brasileiro, sendo a sociedade colocada como infeliz; daí a necessidade de mudança para a defesa do forte nacionalismo. Enquanto o comunismo e o liberalismo são tratados como males que têm de ser extirpados da sociedade, o Integralismo é colocado como o único capaz de salvar a humanidade desses inimigos da ordem. Em seus romances, essa análise da sociedade brasileira é clara, pois seus pensamentos de salvação para o Brasil são expressos por meio da crítica à sociedade que, em muitos momentos, é considerada apática por não lutar contra o mal.

Para comprovar essas afirmativas, foram avaliados os seis romances de Plínio Salgado: *O estrangeiro*; *O esperado*; *O cavaleiro de Itararé*; *A voz do oeste*; *Trepandé*; *O dono do mundo*[2]. Deles, foi selecionada a obra *O dono do mundo* que representa a última fase da vida do autor. Nele, podem ser observadas não só a mudança do pensamento como também a desilusão com a sociedade brasileira. Plínio Salgado não finalizou esse romance, mas, mesmo assim, é possível utilizá-lo na análise proposta, pois a ideologia política pode ser observada de uma maneira não vista antes: trata-se da imagem de um político desiludido por nunca ter alcançado o poder que tanto almejava.

O dono do mundo é a última produção literária do líder integralista, e obra também esquecida pela crítica. Trata-se de obra inacabada, que Plínio Salgado não concluiu em decorrência de sua morte, como pode ser compro-

[2] Na versão completa da pesquisa foram analisados três romances de Plínio Salgado: *O estrangeiro, Trepandé* e *O dono do mundo.*

vado em um pequeno comentário assinado por Gumercindo Rocha Dórea, responsável pela edição da obra, em 1999: *Estas, leitor amigo, foram as últimas páginas, para um livro, elaboradas por Plínio Salgado* (DOREA, *in*: SALGADO, 1999). É um livro sem final que, mesmo incompleto, é importante por se diferenciar totalmente dos outros romances da autoria de Plínio Salgado.

A trama, assim como composição literária, isto é, a forma do romance, sofre uma modificação que pode representar uma reprodução da mudança ideológica do autor. Ao escrever esse romance, Plínio Salgado quis inovar principalmente a forma de tratar as personagens e o enredo, bem como a forma. A intenção do escritor foi redigir um texto de ficção científica, produzindo uma grande diferença estrutural em relação às obras anteriores. O romance foi escrito trinta e seis anos depois de *Trepandé*, última obra modernista do autor. Por isso as mudanças são visíveis, como, por exemplo, na forma, deixando de lado as técnicas adotadas pelo modernismo. No longo intervalo de inatividade romanesca, Plínio Salgado dedicou-se apenas a obras doutrinárias; estas, certamente, influenciaram sua forma de escrever.

Plínio Salgado adotou nesse romance um tom profético, afirmando que o apocalipse chegará com o desenvolvimento tecnológico e o advento das máquinas, expressões da força urbanística e que não são o mais correto para a defesa nacionalista devido à influência externa existente. Além disso, o autor enxerga na agricultura a saída para o desenvolvimento nacionalista, eliminando assim todas as chances de influência exterior.

O enredo do romance ocorre em meados da década de 1970, na cidade de Ouro Claro, em Minas Gerais, e tem como personagem central o engenheiro Pedro Adamus. Ele aproveita um domingo de sol para fazer manutenção em um dispositivo da mina em que trabalhava e que andava mal toda semana. Seu desejo era voltar para casa rapidamente, pegar seu monomotor e ir à Lagoa Prateada, passar o dia com sua esposa Silvia e seus filhos, Maria e Paulinho.

Na mina, Adamus desce todos os pavimentos e chega ao local para realizar seu ofício. Ali todos os convívios humanos pareciam impossíveis, remotas lembranças. Em um dado momento a máquina começa a querer falar com Adamus, que foge daquele desespero:

> As máquinas, na convivência numerosa dos seres humanos, ainda as mais perfeitas e tão perfeitas que só lhes falta falar [...] Mas a máquina sozinha com um único Ser Humano nas entranhas cadavéricas da terra insensível e fria, assombra e esmaga, num domínio arrasador. (Ibid., p. 7).

O fato faz parte de uma experiência ocorrida no oceano glacial ártico, na ilha de Spitzberg, onde um sábio elabora uma emanação super magnética sutil e silenciosa com o objetivo de eliminar todos os seres humanos sem deixar vestígios. (Ibid., p. 9).

No momento da experiência, Adamus estava quilômetros abaixo da terra e não é atingido pela emanação. Ao retornar à superfície, percebe o desaparecimento de todos os seres humanos: pelas ruas e casas, apenas suas roupas e objetos jogados; a cidade está completamente deserta.

Adamus inicia uma peregrinação pelo Brasil e depois pelo mundo em busca de uma explicação do sumiço. Na capital, Belo Horizonte, tudo está deserto, assim como em Ouro Claro. A cidade está parada:

> Não havia luz. As lâmpadas da iluminação pública não acenderam. O engenheiro dirigiu-se à Central Elétrica, que ele bem conhecia. Fez a ligação. E, no momento em que toda a cidade se iluminou, sentiu o íntimo prazer de uma espécie de contato com os seres humanos. Aquelas máquinas tinham sido feitas por homens. Aquelas lâmpadas brilhavam para os olhos dos homens. (Ibid., p. 18).

Busca um hotel para passar a noite e se confunde com a ficha de hóspede: nome, nacionalidade, profissão, estado cidade, idade, endereço... (Ibid., 20-21) Adamus questiona da necessidade de preencher tais itens, já que está sozinho no mundo. A todo o momento, questiona e reflete sobre a vida, como nunca havia feito antes (Ibid., p. 20-21).

Continua sua peregrinação. Chega ao Rio de Janeiro e começa a conversar com um cão, que será chamado por ele de "Outro", já que Adamus é o "Eu". Os questionamentos e reflexões sobre a vida e o que existe nela passam a ser algo constante na vida de Adamus. Sente que regressava à vida primitiva, sem propriedade, dinheiro, palavras, totalmente solitário.

Vai para São Paulo e acredita estar ali o resumo do Brasil devido à mistura cultural existente. Entra na biblioteca de uma casa: "Sobre uma larga secretária, havia papéis esparsos. [...] Alguém estava escrevendo no momento em que desapareceu para sempre. Leu. Eram versos, Um poema. O poema inacabado." (Ibid., p. 40). Conclui que o mundo está como o poema, inacabado.

Entra em uma fábrica e considera a grandeza do homem: a máquina, que criada pelo homem começou a escravizá-lo. O homem, rei do universo, passou a ser escravo dos instrumentos que ele mesmo inventou. O aceleramento da produção pela máquina desequilibrou o sistema econômico dos pobres, enriquecendo a uns e empobrecendo a outros. As nações

transformaram-se em nacionalismos ferozes que se tornaram princípio de divisões no convívio humano.

Viajou o Brasil inteiro encontrando sempre a mesma coisa. Foi para a Argentina e tudo parecia um grande cemitério. Pensa em ir para a Europa, mas fazendo escalas em várias cidades do Brasil. Ao ligar um rádio de comunicação conecta ao satélite Sputnik:

> O orgulho humano lançara esse engenho ao espaço, na ânsia de novas comunicações. [...] Os satélites artificiais tinham um significado psicológico: o da fuga das realidades pungentes da terra, numa época em que o avião e o rádio materialmente aproximavam os seres humanos e em que estes, dia a dia, mais se separavam e se distanciaram pelo espírito. (Ibid., p. 49-50).

A humanidade está desaparecendo e os satélites artificiais ficaram transmitindo a um planeta deserto e morto. Vai para Salvador, Aracaju, Teresina, São Luís, Belém e chega no Amazonas. Passara-se quase um ano desde o dia da catástrofe (Ibid., p. 70). Parte para a Europa em busca de informações sobre o ocorrido. Chega a Portugal e encontra tudo deserto, assim como na Espanha.

Ao visitar o Museu do Prado, tem a noção do infra-humano ao enxergar as telas de Van Aecken:

> Adamus, diante das telas do genial flamengo, teve a moção do "infra-humano", princípio de ruína do "humano", participando dos atos de inteligência e racionalidade do Homem e colhendo os resultados destas para suas finalidades catastróficas. (Ibid., p. 76).

Ainda na Espanha, grita com o "Outro" e diz: "Fica tranqüilo, amigo; teu dono não está louco. Foi o mundo, a vida, a história da humanidade que entrou em colapso de bom senso." (Ibid., p. 79) Na França, anda por Paris: cidade desértica. Lá reflete então sobre a importância da França para a humanidade, e que tudo não tem mais valor, já que não existe mais a sociedade. Na Itália percebe que a experiência também surtiu efeito e continua suas reflexões sobre a humanidade:

> A necessidade do "humano" atormentava Adamus, porém naquele instante o "humano" se objetivava na mulher, porque ela é o outro lado do homem, sua réplica. Se o Homem tomou consciência do Universo Criado, quem tomaria consciência dessa consciência? Deus criou a Mulher, antes de mais nada, para que alguém soubesse que o Homem existia. E assim como o Homem compete amar a criação, obra de Deus, compete à Mulher amar o Homem e ao Homem amar a Mulher. E para que fosse possível esse amor, a réplica

> do Homem deveria ser diferente dele, porque o amor não é uma identidade, mas uma complementação. Com estes pensamentos, Adamus viu o cair da tarde sobre as águas do Bósforo. E, apanhando o carro, disse ao "Outro". – Amigo, vamos hoje dormir em um lugar mais seguro. Dirigiu-se ao aeroporto, entrou no avião e trancou-se com o companheiro. O sono foi mais tranqüilo e mais confortável. (Ibid., p. 135).

Com essa reflexão sobre o homem e a mulher e no descanso de mais um dia de busca sobre a causa do desaparecimento humano acaba o último romance de Plínio Salgado.

Plínio Salgado coloca Adamus como uma vítima do cosmopolitismo:

> No meio de centenas de máquinas a ocupar vasto espaço Adamus subiu a uma escada e bradou: - Máquinas! Fostes a mais poderosa oligarquia de todos os tempos! Vosso poder terminou. Voltastes a ser escravas e não mais senhores. Máquinas, eu – dono do mundo – sou o único e poderoso senhor a quem deveis obedecer! (Ibid., p. 44-45).

Este cosmopolitismo, que para Plínio é o grande mal, é conseqüência do processo de desenvolvimento industrial capitalista que traz consigo a possibilidade de ocasionar a morte do nacionalismo:

> Chegamos ao momento decisivo em que devemos optar: ou pela obra de unificação espiritual da nacionalidade dentro das nossas condicionalidades históricas, geográficas e sociais, ou pela abdicação completa de nossos direitos de afirmação, de nossa fisionomia de povo e de país. O instante internacional não comporta dubiedades. A evolução industrialista, que se apoiou nos princípios da Revolução Francesa e marcou suas etapas nas descobertas cientificas e aperfeiçoamentos técnicos do século XIX, chegou ao seu apogeu na Grande Guerra e, dali, derivou-se nas duas correntes que se chocam nos velhos países: o imperialismo econômico e o imperialismo doutrinário; a expansão capitalista e a expansão política. Esses dois fenômenos, que regulam o ritmo da existência dos velhos povos, tendem a ampliar sua projeção até aos países novos, e a efetivação desse objetivo, se corresponde a realidades práticas da velha civilização, representa, para nós, povos jovens, o que poderemos chamar a precipitação dos fatos históricos, com a morte, no nascedouro, de uma feição distinta de nacionalidade. Em tais circunstâncias, só se salvarão ao desaparecimento as nações que não interromperem o curso normal de sua formação, quer dizer, aquelas que mais fortemente fizeram valer a sua personalidade. (SALGADO, 1956, p. 85-86).

A máquina, para Plínio Salgado é o símbolo da modernização, justamente onde ocorre o crescimento burguês. O tema aparece com freqüên-

cia em suas obras por ser a base de seu pensamento. Essa criação de mundo, para Plínio Salgado, não é o ideal para o Brasil, pois levará à desgraça e ao extermínio. Para ele, é necessária uma criação de um novo modelo de mundo, baseado na simplicidade da vida:

> Nem os faraós do Egito, nem os milionários de Nova York, nem os reis da Assíria, nem os rajás da Índia foram mais ricos do que eu, que sou o dono de todos os tesouros do mundo, herdeiro universal da humanidade inteira. Mas desprezo é total por tudo quanto possuo e por muito atingi a ciência do não ter. (SALGADO, 1999, p. 108).

Essa obra é uma crítica ao avanço tecnológico e à modernização extremada, marcas fortes do individualismo burguês presente na sociedade. Vale lembrar que a obra foi escrita em meados da década de 1970. O autor critica o grande mal de uma sociedade, o cosmopolitismo, tido como conseqüência deste desenvolvimento tecnológico, que com ele trouxe o individualismo e a luta de classes, considerados inadmissíveis:

> O regime industrial e comercial, determinando o advento do capitalismo, vai destacando núcleos de centralização e absorção. É qualquer coisa de semelhante à agregação dos feudos na formação dos Estados. Do ponto de vista interno das nações, resulta as superpopulações urbanas e estabelece a luta de classes; configuram-se, nitidamente, o proletário e o patrão. Personagens novos na história da humanidade. (SALGADO, 1956, p. 61-62).

Plínio Salgado, já no fim de sua vida, continua buscando uma alternativa para tentar negar o mundo burguês, mas não encontra. O grande objetivo da obra é mostrar que a sociedade está se destruindo, com as máquinas, invenções e, principalmente, o individualismo.

O cosmopolitismo esteve presente na vida política de Plínio Salgado, no *Manifesto de outubro de 1932*, principal documento político do Integralismo, no qual um dos alvos de maior crítica é esta influência estrangeira que acaba com a pureza do brasileiro:

> Criaram preconceitos étnicos originários de países que nos querem dominar. Desprezaram todas as nossas tradições. E procuram implantar a imoralidade de costumes. Nós somos contra a influência perniciosa dessa pseudo-civilização, que nos quer estandardizar. (SALGADO, 1982, p. 7).

O pensamento de destruição do homem, presente em *O dono do mundo*, é uma defesa de Plínio Salgado. Para ele, a humanidade foi destruída pelo cosmopolitismo e precisa ser reconstruída:

> Periclita a civilização ocidental. E periclita justamente porque sobre areia tem sido edificada. É uma civilização puramente técnica e baseada no individualismo, que exclui toda a consideração do homem integral, ou simplesmente do Homem. [...] A sociedade está enferma, desorganiza-se e agoniza, porque os homens, que são seus elementos constitutivos básicos, desaparecem da superfície da terra... No lugar dos homens, aparecem os profissionais. E o profissional desconhece tudo o que diz respeito ao Homem. (SALGADO, 1960, p. 10-11).

O romance tem como eixo central a crítica da sociedade humana individualista, que para o autor é um mal que deve ser combatido, pois a conseqüência é a sua dissolução, como ocorreu na obra: "Sendo uma civilização individualista, prepara o mundo para o coletivismo, insto é, para a anulação total da personalidade humana." (Ibid., p. 11).

Essa anulação da sociedade humana é justamente a crítica que o autor faz no momento de seu discurso político, crendo que a eliminação das mazelas da sociedade brasileira ocorrerá pela ação espiritual e por meio de uma consciência nacional (VASCONCELLOS, 1979, p. 36) Esse discurso de ação espiritual será inclusive a especificidade do Integralismo enquanto discurso fascista: "A fim de mostrar a autonomia do integralismo em relação aos fascismos europeus, os camisas-verdes apontavam a 'maior dose de espiritualidade', ou o 'primado do espírito', contido em sua doutrina." (Ibid., p. 23).

Por meio dessa busca espiritual, Plínio Salgado buscava a formação de uma sociedade voltada para os ideais contidos no interior humano, pois para ele:

> O Homem desapareceu. As multidões que vemos são de indivíduos, ou apenas partes do Homem, sombras, espectros do Homem. Acima desses fantasmas delirantes, domina a Economia sem finalidade ética, a Ciência sem alma, a Arte sem beleza, a Política sem deveres, a Liberdade sem limites, o Prazer sem freios, o Dinheiro sem contraste, a Sociedade sem ordem. O rei da Criação foi destronado, perdeu cetro e coroa jogados na aventura materialista pelo seu próprio orgulho. E a solução única para o problema humano, que se apresenta hoje com uma gravidade sem precedentes na História, cifra-se nesta operação da qual depende a sorte das Nações: reconstruir o Homem. (SALGADO, 1960, p. 16).

No romance, essa afirmação é visível, exemplificada pela destruição da humanidade cheia de valores burgueses, causando assim o extermínio humano. A reconstrução da humanidade na obra iria ocorrer através do personagem Adamus, pois para Plínio Salgado:

> Reconstruir o Homem é levar o próprio Homem a reconquistar-se. É instruí-lo afim de que se restaure se refaça, e venha a ocupar o seu trono perdido. [...] Reconduzir o Homem àquele esplendor das Harmonias Divinas, em que ele exerce a sua integral soberania, impondo a força dos valores morais onde pretendam imperar as forças bárbaras e desconexas dos valores morais onde pretendam imperar as forças bárbaras e desconexas dos valores materiais em conflituosa desord em. Ou fazemos isso, ou o mundo não terá salvação. (Ibid., p. 16-17).

Essa destruição humana descrita no romance é relacionada ao materialismo, que para o autor é o mal que deve ser exterminado da sociedade. Para ele, o homem se destruiu; daí a pregação do espiritualismo integralista:

> Ambos – o capitalismo e o socialismo – são intrinsecamente materialistas [...] cumpre notar que o materialismo capitalista não objetivava nenhuma finalidade moral, ao passo que o materialismo socialista preocupa-se com o ideal da justiça, trazendo, pois um conteúdo moral, ainda que essa moral tenha caráter exclusivamente utilitária. [...] O materialismo será destruído pelo próprio materialismo e essa civilização de que tanto nos orgulhamos – se não se embasar em alicerce espiritualistas e cristãos – não encontrará nenhum meio de manter-se. (Ibid., p. 22).

Com isso, pode-se observar claramente que a sociedade destruída no romance *O dono do mundo* tem sua dissolução causada pelos regimes econômicos que rondavam o mundo na década de 1970: capitalismo e socialismo. Propõe, portanto, para a reconstrução humana, a força moralista espiritual que é a base do Estado Integral.

Esse moralismo defendido por Plínio Salgado será a base para a reconstrução humana contra a dissolução causada pelo cosmopolitismo. Ocorrerá por intermédio do personagem Adamus, colocado como o único ser humano existente no planeta. Entretanto, essa reconstrução proposta encontrará alguns empecilhos que não foram demonstrados no romance – devido ao fato de não ter sido finalizado – já que Adamus, teoricamente responsável pela reconstrução humana, é um cidadão vindo de uma família essencialmente burguesa. Mesmo que seu caráter burguês fosse deixado de lado, a influência burguesa continuaria a existir, já que a base do Estado Integral, é de base burguesa. Assim, a eterna busca pelo valor autêntico de Plínio Salgado mais uma vez ocorrerá de maneira equivocada, levando à dissolução do personagem. No caso especifico de *O dono do mundo*, a dissolução da humanidade é demonstrada, mas não há como saber se o autor

pretendia causar o extermínio de Adamus. Independente disso, a busca pelo nacionalismo não seria alcançada devido à presença burguesa na ideologia integralista, que mostra a forte defesa de Plínio Salgado pelo Integralismo mesmo no momento final de sua vida.

Como já foi dito, esse é um romance inacabado devido à morte de Plínio Salgado, mas sua ideologia é perceptível. O valor autêntico da obra continua sendo o nacionalismo cristão do Integralismo: "Na Igreja de São Francisco, todo o sentimento da religiosidade tradicional cantou no seu coração. A Bahia guardara, durante quatro séculos, a essência cristã da Nacionalidade." (SALGADO, 1999, p. 56).

A saída para a aplicação do nacionalismo não foi encontrada por Plínio Salgado, portanto as citações de morte e vida são constantes na obra. O personagem Adamus questiona-se sobre a necessidade de se ter nome, nacionalidade, profissão, idade... – já que o fim é a morte. E chega a uma conclusão:

> Todos vivem! Todos existem, enquanto eu existir! A vida dos homens vive no Homem. Ninguém morre completamente enquanto houver na terra alguém que lhe guarde a imagem na memória. [...] Do fundo da memória surgem os que viveram em nós, durante anos, meses, dias, até minutos. Todo conhecimento é um desdobrar do objeto conhecido em imagens que vivem naquele que conheceu [...] O Ser Humano vive em si mesmo e vive também nos outros. [...] Nossa vida é a soma constante de nós mesmos nos outros, mas é também subtração constante operada, ou pela morte ou pelo esquecimento, desses outros. (Ibid., p. 23-24).

O autor adota novamente o tom profético de que a lembrança de sua vida estará presente mesmo após a sua morte, mantendo-o vivo na sua ideologia nacionalista[3]. Portanto, vê-se como herói problemático em busca do nacionalismo, sempre o valor autêntico.

Adamus, mesmo não morrendo, é classificado como o herói problemático do romance, assim como toda a civilização humana. Adamus pode ser colocado como sendo o próprio Plínio Salgado, que se vê sozinho após uma vida de luta pelo nacionalismo integralista. A sociedade o deixa sozinho vagando pelo mundo em busca de respostas sobre a catástrofe. A reconstrução do homem seria buscada por meio da doutrina nacionalista

[3] Sobre o Integralismo contemporâneo (neo-integralismo): CRUZ, Natália dos Reis. *ONeo-Integralismo*: ideologia, história e memória. Tese d e doutorado (História) – UFF, Niterói, 2004; VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete*: história, memória e esquecimento. Goiânia: UCG, 2005.

cristã do Integralismo. No entanto, observa-se que o autor passou sua vida buscando respostas de como aplicar o valor autêntico na sociedade, mas ele fora sempre buscada dentro de uma sociedade burguesa, e o romance vem comprovar esse equívoco do autor.

Este pequeno ensaio obteve como objetivo analisar de maneira sucinta apenas um romance de Plínio Salgado para servir de amostragem da possível relação com o estruturalismo genético goldmanniano. Nos estudos realizados sobre as obras ficcionais de Plínio Salgado, percebe-se uma crescente politização da temática do autor, permitindo constatar que Plínio Salgado mostra-se sensível aos problemas políticos e, ainda, aberto às influências ideológicas. Assim, nota-se que o autor pretendeu transformar os romances em fontes ideológicas, pois neles percebe-se claramente a ideologia integralista.

Nos romances, o intelectual Plínio Salgado não conseguirá desvincular-se do mundo em que vive para buscar o valor autêntico. Por isso a vitória não ocorre, pois o caminho é percorrido de maneira equivocada devido à impossibilidade de desvinculação do Estado burguês existente. O nacionalismo almejado passa a ser um valor burguês da sociedade, uma vez que seu objetivo é atender o grupo que o ronda: a pequena burguesia.

Visto a luz da teoria goldmanniana, esse herói problemático busca a ruptura da sociedade, o que ocorre de uma maneira equivocada, já que os valores autênticos são vistos pela sociedade de uma maneira alienada. O romance deveria mostrar caminhos para os problemas, mas devido ao fato de ser uma criação burguesa, não acontecerá a desvinculação do herói problemático com o autor. Na maior parte das vezes, o autor se retratará no herói problemático. O autor não encontra saída para os questionamentos criados pelo personagem, já que é a sua vida que está sendo retratada dentro de uma vida burguesa, de um Estado burguês. Assim, o fim do herói problemático acaba sendo sua destruição: a morte.

O romance é composto por biografia e crônica social e o autor coloca sua vida e experiências nos romances; por isso o herói é o problemático. Portanto, o herói é um problemático sem valores autênticos num mundo de convenções existentes – as convenções burguesas. O herói está inserido numa sociedade individualista – pois é nela que o escritor vive – e, portanto, sua busca ocorre dentro de um contexto burguês. O romance é um gênero que estabelece uma ruptura entre herói e mundo, mas ela ocorre de maneira equivocada, pois o autor não consegue realizar a transcendência vertical, que consiste em não se colocar no romance. De acordo com a

teoria goldmanniana, o autor não consegue realizar a transcendência vertical porque suas aspirações e desejos são sempre colocados na obra. Com isso, os valores usuais da sociedade burguesa passam a ser expressos. O romance é o único gênero literário em que a ética do romancista converte-se em problema estético da obra. A criação burguesa do escritor – o romance – precisa da presença do herói problemático que tem como objetivo buscar os valores autênticos.

Portanto, em *O dono do mundo*, é possível de maneira eficaz observar a relação entre a política doutrinária e a literatura romanesca, comprovando a teoria de Lucien Goldmann, segundo a qual o mundo burguês está presente do romance.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Natália dos Reis. *O Neo-Integralismo*: ideologia, história e memória. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.

GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Literatura e autoritarismo*: o pensamento político nos romances de Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira) – Programa de Pós-graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG.

SALGADO, Plínio. *A voz do oeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

_____. *Despertemos a nação!* Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. Literatura e política. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Américas, 1956. v. 19, p. 5-125.

_____. *Manifesto de outubro de 1932*. São Paulo: Voz do Oeste, 1982.

_____. *O cavaleiro de Itararé*. São Paulo: Panorama, 1948.

_____. *O dono do mundo*. São Paulo: GRD, 1999.

_____. *O esperado*. São Paulo: Voz do Oeste, 1981.

_____. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. *Reconstrução do homem*. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1960.

_____. *Trepandé*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia curupira*: análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete*: história, memória e esquecimento. Goiânia: UCG, 2005.